

Dossiê

A conceptualização de “imigração” e “brasileiro” frente à crise venezuelana: a força do contexto sobre a sociocognição em charges

Tânia Gastão Saliés¹ 

Bethânia Mariani

Editora-chefe dos Estudos de Linguagem

Augusto Soares da Silva

Jussara Abraçado
Editores convidados

Disponibilidade de dados e material:

O conjunto de dados relacionados a este artigo estarão disponíveis mediante solicitação à autora.

RESUMO

O propósito deste artigo é iluminar aspectos da cognição humana que resultam na (re)categorização de “IMIGRAÇÃO” e “BRASILEIRO”. Para tal, recrutou-se a abordagem sociocognitiva-discursiva e crítica (Chilton, 2005; Charteris-Black, 2006, 2012; Silva, 2015; Souza; Duque 2018; Palumbo, 2014), visando à análise das referidas categorias em 22 charges que circularam no X, no Facebook e em jornais on-line como a Folha de São Paulo, retratando o fluxo de venezuelanos ao Brasil, de 2018 a 2022. À luz dessa abordagem, pistas linguísticas e discursivas multimodais (linguagem verbal, cor, expressão de caricaturados, organização espacial das imagens) indexam processos cognitivos fincados no contexto social e na experiência corpórea dos indivíduos. Do corpus, selecionou-se três charges para ilustrar padrões que iluminam como e porque se dá a (re)categorização, sem compromisso com generalizações. Metáforas e metonímias evocadas pelos gatilhos multimodais, a perspectivação e a realidade referenciada permitiram que se mostrasse como as metáforas e metonímias evocadas vão de encontro ao sistema metafórico da moralidade (Lakoff; Johnson, 1999), em que ações voltadas para o bem-estar do ser humano prevalecem. Tanto no caso de BRASILEIRO quanto no de IMIGRAÇÃO VENEZUELANA, essas ações foram deslocadas do domínio fonte. Em seu lugar surgiram ações discriminatórias e intransigentes. “Brasileiro” ganhou atributos como a intransigência; e “imigração”, atributos de invasão. Tal interpretação emerge de metáforas e metonímias multimodais (Forceville, 2016; 2017), do sistema metafórico de moralidade (Lakoff, 2016) e de uma análise fincada no contexto sociopolítico.

Palavras-chave: Perspectivação. Moralidade. Metáfora. Charges. Imigração.

Recebido em: 02/02/2026

Aceito em: 14/04/2026

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

E-mail: tanciasalies@gmail.com

Como citar:

SALIÉS, Tânia Gastão. A conceptualização de “imigração” e “brasileiro” frente à crise venezuelana: a força do contexto sobre a sociocognição em charges. *Gragoatá*, Niterói, v. 31, n. 70, e70647, maio-ago. 2026. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/gragoata.v31i70.70647.pt>

Introdução

Para dar conta do mundo vivido e colocá-lo em palavras, os seres humanos separam e agrupam a informação em categorias, de acordo com um determinado *construal* (Langacker, 2008; Talmy, 2000) ou perspectivação conceptual (Gonçalves-Segundo, 2017). Segundo a literatura, a perspectivação conceptual ilumina ou destaca determinadas características da experiência, dando-lhes proeminência em relação a outras, que permanecem como elementos de fundo (*ground*), no jogo da assimetria figura-fundo. Em outras palavras, o modo como a realidade é percebida implica diferenças na categorização. Um exemplo é a organização de categorias por crianças e adultos (Mervis; Mervis, 1982).

Muitas crianças de até os três anos não distinguem uma vaca de um cachorro e podem até chamá-la de *au au*, pois sua conceptualização de “cachorro” relaciona-se com o que já viram e conhecem. Consequentemente, podem inclusive conferir atributos falsos a certas espécies ou categorizar leopardos como gatinhos (Lakoff, 1987) ou pôneis como cachorros. A despeito das diferenças entre essas espécies, há algumas semelhanças físicas entre elas. Todas se movimentam com as quatro patas. Todas pertencem ao reino animal. Todas usam sons distintos da fala humana para se comunicarem. Tais atributos ficam perfilados ou em saliência na percepção que têm as crianças desses animais. Daí recrutarem uma seleção lexical que as vezes provoca risos.

São os atributos mais salientes à percepção que atraem e dirigem o foco de atenção, mesmo que isso se dê em graus diferentes nos agrupamentos das similaridades. Desse modo, aspectos distintos de um mesmo fenômeno podem ser perfilados, dependendo de quem os perspectiva, quando, onde e como. “É o contexto social e discursivo que baliza a conceptualização e a perspectiva do conceptualizador” (Croft; Cruise, 2004, p. 87). A conceptualização depende da percepção da realidade ou do *construal* (Langacker, 2008), e a percepção é subjetiva. Assim sendo, novos sentidos acabam sempre emergindo de experiências vividas. São essas experiências que motivam o aparecimento de reestruturações em uma dada categoria ou (Re)categorizações (Johnson, 2007), pois emanam da relação corpórea e emocional dos experienciadores com os eventos do mundo.

É exatamente sobre essa ancoragem teórica que repousa a abordagem sociocognitiva-discursiva e crítica assumida pelo presente artigo (Chilton, 2005; Charteris-Black, 2006, 2011, 2012; Silva, 2015; Hart, 2007; 2010; 2014; 2015; Souza; Duque, 2018; Palumbo, 2014; Gonçalves-Segundo, 2015). Por premissa, a abordagem entende a cognição como eminentemente social, fincada em experiências discursivas e interacionais (Barsalou, 2008). Embora as ações sensório-motoras do corpo e o ambiente social e físico sejam fundamentais para a constituição do que Barsalou chama de cognição situada, as multimodalidades igualmente exercem papel crítico, pois a atividade cognitiva ocorre em contextos reais de interação, o que

envolve percepção, ação, introspecção e simulação de cenários prováveis em um exercício metacognitivo. Em consequência disso, pode-se afirmar que a cognição é sensível ao tempo e é constrangida por ele, uma vez que os organismos devem conseguir lidar com a dinamicidade contínua do “aqui e agora” e reagir de forma eficiente a ele. Nas palavras de Sinha (1999, p. 234):

precisamos entender que a conceptualização linguística é um *processo ativo* que é, apropriadamente falando, *parte da referência linguística*. Conceptualizamos na linguagem, a fim de nos referir a algo, numa situação, para alguém. O realismo referencial é baseado no entendimento do significado como agir comunicativamente em um mundo intersubjetivamente compartilhado ou universo do discurso. (Sinha, 1999, p. 234).¹

¹No original: “Linguistic conceptualization is an active process which is properly speaking part of linguistic reference. We conceptualize in language, in order to refer to something, in a situation, for somebody. Referential realism is based upon an understanding of meaning as acting communicatively in an intersubjectively shared world or universe of discourse” (Sinha, 1999, p. 234, tradução da autora).

Ou seja, não há como entender a conceptualização se não se examinar o discurso, a situação comunicativa e a intersubjetividade. Essa é a razão que motivou a adoção da abordagem cognitiva-discursiva e crítica na análise de duas categorias que emergiram explícita (IMIGRAÇÃO) e implicitamente (BRASILEIRO) por inferência pragmática, de um *corpus* de 22 charges, que retratam o fluxo de venezuelanos ao Brasil, desde a crise humanitária da Venezuela em 2018. No *corpus*, IMIGRAÇÃO e BRASILEIRO parecem ter sofrido modificações em seus atributos, conjectura que instigou o escrutínio do tema. A perspectivação de IMIGRAÇÃO como invasão pode estar sendo evocada por metáforas multimodais (Forceville, 2016; 2017) de moralidade (Lakoff, 2016). Além disso, se assim o é, podem também sublinhar propósitos ideológicos e morais por parte dos chargistas ou a intenção de promover o SISTEMA METAFÓRICO DA MORALIDADE (Lakoff, 2016; Lakoff; Johnson, 1999). O objetivo deste artigo é investigar tais conjecturas.

Arcabouço teórico

No intuito de definir e fundar a abordagem sociocognitiva-discursiva e crítica em trabalhos que a alçaram como ferramenta de análise, esta seção se dedica às suas premissas, ao seu surgimento e aos seus achados, no que tange à articulação entre cognição, sociedade e discurso, inclusive em contextos multimodais.

A abordagem sociocognitiva-discursiva e crítica defende que as dimensões discursivas e sociais requerem a interface de uma dimensão cognitiva, que faça ponte entre as pistas linguístico-discursivas, verbais e pictóricas e os modelos cognitivos, dentre eles as metáforas (o processo de se entender um conceito por meio de atributos de outro, em domínios diferentes), as metonímias (o processo de se utilizar parte de um conceito, saliente à percepção, no lugar de um conceito complexo, ambos em um mesmo domínio ou unidos por contiguidade e pela experiência sensorial), as crenças e a ideologia. De natureza transdisciplinar, essa abordagem articula três paradigmas teóricos: a Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 2001; 2003), as teorias da Linguística Cognitiva

(no caso deste artigo, a Teoria da Metáfora e da Metonímia Conceptual, proposta por Lakoff e Johnson em 1980) e os Estudos da Multimodalidade (Forceville, 2009; 2016; 2017), que originalmente já integram categorias da Linguística Cognitiva, como as metáforas e metonímias, assim como o olhar crítico para a realidade referenciada em gêneros multimodais.

Dentre as premissas dessa abordagem, destacamos ser a linguagem necessariamente perspectivada e motivada pelos contextos sociocultural e histórico; a conceptualização ideacional; a ideologia um sistema conceptual de tipo particular, e a perspectivação uma característica imanente das metáforas e das metonímias enquanto fenômenos do pensamento, ativados pela linguagem. Ideologicamente, as metáforas “definem o que o indivíduo toma como realidade” (Chilton; Lakoff, 1995, p. 56). Ou seja, quem fala recruta metáforas que convergem para uma intenção particular, abrindo espaço para inferências. As metonímias sinalizam e constroem a perspectivação ao direcionar a atenção dos interlocutores para aspectos específicos do conceito. Por fim, não se pode deixar de mencionar que, nessa abordagem, a mediação entre o nível linguístico-discursivo e o nível contextual mais amplo (as estruturas sócio-históricas e políticas) se dá por meio de uma cognição que é socialmente ancorada (Barsalou, 2008). Ou seja, situada em experiências corpóreas, discursivas e interacionais, que nos permitem interpretar e interagir com o mundo.

À luz dessas premissas, crenças, valores e atitudes sinalizados por metáforas e metonímias conceptuais (Johnson; Lakoff, 1980) medeiam a interação entre o perspectivador, o discurso e as instâncias sociais, constituindo o contexto e sendo por ele constituído (Fairclough, 2001). Ou seja, a abordagem sociocognitiva-discursiva e crítica entende que as pistas linguístico-discursivas, inclusive as pictóricas, apontam para como o ser humano conceptualiza o mundo, usando o conhecimento adquirido em situações nas quais atua, por meio de processos cognitivos, entre eles os mapeamentos metafóricos e metonímicos: “A seleção metafórica possui a força pragmática tanto por ativar modelos cognitivos compartilhados, quanto por despertar sensações e compreensão advindas da corporalidade, as quais utilizamos para entender aquilo que nos cerca [...]” (Palumbo, 2014, p. 1315).

Por exemplo, simulamos operações no espaço à medida em que lemos textos, a ponto de projetarmos a trajetória do corpo no espaço sobre os movimentos narrativos, visando entendê-los. O ESPAÇO é recrutado metaforicamente para habilitar uma série de inferências que dependem da localização espacial (do *aqui*). Ao combinar-se a percepção com a ação, conhecem-se as situações em que um sorriso pode ocorrer, pois ativam-se padrões inferenciais correlacionados e age-se por meio do afeto positivo, da generosidade ou da empatia (percepção + ação + simulação). Reencenam-se simulações específicas ou um subconjunto de conteúdo categorial para dar o acabamento inferencial ao processo de compreensão daquele sorriso.

Ao mesmo tempo, na dimensão pragmático-discursiva, sempre que uma dada perspectivização é acionada, fica implicada uma dada intenção. Os aspectos pragmáticos (a intencionalidade, as implicaturas, as pressuposições) emanam da interação entre conhecimento de mundo, contexto social e o discurso. Como nos diz Entman (2007, p. 164), ao perfilar-se certos aspectos da realidade percebida para torná-los mais salientes no processo comunicacional, promove-se uma avaliação, ideologia ou moral junto a potenciais interlocutores. Assim sendo, não se pode deixar de assumir um olhar crítico em trabalhos sociocognitivos-discursivos (Palumbo, 2014).

Originalmente, o viés sociocognitivo-discursivo e crítico nasceu de estudos sobre o discurso político nos EUA pelas mãos de Lakoff (2008; 2016), na forma da Linguística Crítica. Seguiu-se a ele Charteris-Black (2004), que conjugou o cognitivo-discursivo à Análise Crítica do Discurso (ACD) de Fairclough (2001; 2003), fundando a Análise Crítica da Metáfora, que igualmente olha para o discurso político, em especial no que tange à imigração. Christopher Hart (2010), dentre outros, também desenvolveu estudos sobre o discurso político, o discurso jornalístico e a imigração nesse viés teórico, aprofundando os laços entre o cognitivo-discursivo e a ACD. Silva (2015), Gonçalves-Segundo (2017) e Palumbo (2014) igualmente examinaram o discurso político seguindo a mesma abordagem e trazendo a metáfora e a metonímia conceptual para o pano de frente, posto que nelas imbricam-se crenças, valores e ideologias que operam na interface entre os sujeitos e os eventos do mundo, como é o caso da imigração. Nesses estudos, o discurso é entendido como uma prática social que se dá no uso da linguagem em situações específicas, e a ideologia como uma modalidade de poder (Fairclough, 2003), que manipula e controla os participantes discursivos de modo subliminar.

As metáforas e metonímias conceptuais, por essência, originam-se de práticas socioculturais já relativamente estabilizadas na forma de modelos culturais. No caso da metáfora, os sujeitos geralmente apropriam-se de elementos de domínios *mais* concretos para falar de ideias *mais* abstratas, seguindo a forma X (domínio alvo) é Y (domínio fonte), principalmente ao falar de experiências vivenciadas pelo movimento de nosso corpo no espaço. Entre os domínios conceptuais, estabelecem-se correspondências ontológicas e epistêmicas, em mapeamentos unidirecionais, sistemáticos e parciais de atributos (Lakoff; Johnson, 1980). No caso das metonímias, os sujeitos usam partes mais salientes à percepção para falar de um conceito que se encontra no mesmo domínio conceptual, ligando a PARTE ao TODO, o EFEITO à CAUSA, em relações de proximidade que refletem modelos culturais e constituem o nosso raciocínio sobre o mundo; por exemplo, para fazer inferências, julgamentos de valor e comparações (Lakoff, 1987).

Para além da função referencial da metonímia, Lakoff (1987) sublinha que as metonímias podem ser evocadas por inferência, de acordo com o *cenário*² em que ocorrem. Quando isso acontece, o *cenário*

²Na linguística cognitiva, cenários são comumente entendidos como estruturas de conhecimento enciclopédico e contextual, ativadas por pistas linguístico-discursivas.

se torna um modelo cognitivo idealizado, do qual uma das partes é destacada e usada no lugar de todo o MCI.

Valoriza-se assim, o papel da inferência no processo de construção dos sentidos. Nessa via, a metonímia não pode ser considerada apenas em seu aspecto referencial. Muitas vezes o sentido comunicado é totalmente diferente do sentido proposicional. (Santos, 2011, p. 81).

Juntando-se ao coro, Barcelona (2004) propõe que os índices discursivos multimodais se juntam ao contexto para oferecer indícios inferenciais. As implicaturas conversacionais são classificadas por Barcelona como decorrência de mapeamentos metonímicos. “Portanto, é natural fazer-se alusão a certos aspectos de um evento por meio de uma parte dele, em relação à totalidade do evento” (Santos, 2011, p. 84). Ativa-se uma associação, entre elementos do conhecimento prévio, que é compartilhada pelas pessoas, na construção de sentido.

Em outras palavras, os autores referidos se afastam da abordagem tradicional, que define a metonímia como um elo de contiguidade entre duas entidades. Na abordagem sociocognitiva, segundo Taylor (2003), não há necessidade de haver contiguidade entre as entidades, no sentido espacial, nem a metonímia fica restrita a ser um ato de referência. Ela é sim parte essencial na extensão de sentido, talvez mais importante do que a metáfora. É esse o enquadre do presente estudo.

Por outro lado, na arena do discurso político, Lakoff (2016) demonstrou como as metáforas surgem de modelos familiares, vivenciados na concretude da vida: enquanto o conservador adota uma educação rígida para os filhos, que fomenta valores tradicionais, o liberal defende a educação para a vida em sociedade e para aptidões individuais. Ou seja, para o conservador, o ESTADO É PAI. Ações típicas do domínio familiar são projetadas metaforicamente sobre o domínio econômico (ou o gerenciamento da economia de uma nação). Ou ainda, elementos do domínio econômico projetam-se sobre elementos do domínio moral. Em outras palavras, desse modelo emergem visões opostas de como promover o bem-estar físico e social, entendido pelo autor como um conjunto de ações morais por ele consolidadas em um SISTEMA METAFÓRICO DE MORALIDADE, em que MORALIDADE É RIQUEZA; MORALIDADE É NUTRIÇÃO; MORALIDADE É LIMITE; e MORALIDADE É AUTORIDADE. Em linhas gerais, o sistema propõe que promover o bem-estar é promover a riqueza, a saúde, a empatia e a compaixão pelo outro e o respeito aos limites prescritos por autoridades legítimas (e não absolutas ou impostas).

Lakoff (2016), ainda nesse mesmo estudo, ilustra ser a categoria “nação” conceptualizada como “família” (NAÇÃO É FAMÍLIA). Imigrantes, para um Pai Rígido, não fazem parte da família (nação). Muitos são ilegais e desviam-se das normas prescritas. Portanto, merecem punição: “Segundo a moral do Pai Rígido, o imigrante ilegal é visto como um fora da lei (ilegal) que deve ser punido” (Lakoff, 2016, p. 152).³ Na conceptualização perspectivada do Pai Cuidadoso, pelo contrário,

³No original: “Within Strict Father morality, illegal immigrants are seen as lawbreakers (“illegals”) who should be Punished” (Lakoff, 2016, p. 152). Tradução da autora.

imigrantes são pessoas que precisam da proteção do Estado, não da punição da lei: “na perspectiva moral do Pai Cuidadoso, pessoas desempoderadas e sem intento imoral são vistas como crianças inocentes que requerem cuidado” (Lakoff, 2016, p. 152).⁴

Posto que a metáfora conceptual é “contextualizada, quer socioculturalmente situada quer discursivamente construída” (Silva, 2015, p. 6), funda-se em uma construção discursivo-ideológica. Daí decorre o seu poder de influenciar e manipular o público-alvo, principalmente no discurso político (Silva, 2015; Charteris-Black, 2011), constituindo-se em ferramenta adequada à uma análise crítica, como a proposta pela abordagem em tela.

Esse raciocínio levou Charteris-Black (2004) a propor uma hierarquia para explicar a construção discursivo-ideológica que liga a metáfora conceptual a outras metáforas em três tipos de discurso: o político, o jornalístico e o religioso. A hierarquia envolve, indo do nível mais concreto para o mais abstrato, a pista linguístico-discursiva devidamente contextualizada, que aponta para a metáfora conceptual, e a chave conceptual, em nível ainda mais abstrato, que engloba conjuntos de metáforas conceptuais em tipos de discurso específicos, conforme ilustrado no Quadro 1:

⁴No original: “From the perspective of Nurturant Parent morality, powerless people with no immoral intent are seen as innocent children needing nurturance” (Lakoff, 2016, p. 152, tradução da autora).

Quadro 1. Hierarquia na construção discursivo-ideológica da metáfora conceptual

DISCURSO / CHAVE CONCEPTUAL		
Político	Jornalístico	Religioso
VIDA É LUTA POR SOBREVIVÊNCIA	VIDA/ ESPORTE É LUTA POR SOBREVIVÊNCIA	ESPIRITUAL É MATERIAL
POLÍTICA É CONFLITO	ESPORTE É GUERRA	PUNIÇÃO DIVINA É CONDIÇÃO CLIMÁTICA
METÁFORAS		
Lutar por um grupo social	Batalhar para sobreviver	Uma chuva dos diabos

Fonte: Charteris-Black (2004, p. 245). Adaptação da autora.

No que tange à ideologia, é a chave conceptual que aponta o caminho até a metáfora conceptual e descortina a estrutura ideológica subjacente ao discurso, indexada pela pista linguístico-discursiva, inclusive as pictóricas. Cada escolha metafórica esconde intenções cognitivo-afetivas, contextuais e linguísticas individuais, que conversam com aspectos da dimensão macro do contexto socioideológico, cultural e histórico, visando a persuadir o público-alvo. O raciocínio parece-nos justificar a abordagem socialmente situada e crítica, para além da visão meramente cognitiva da metáfora.

De interesse particular é a metáfora conceptual AÇÕES SÃO EVENTOS. Silva (2015), analisando quantitativa e qualitativamente um *corpus* de discurso jornalístico, destrinçou essa metáfora de modo discursivo-

cognitivo e crítico. Examinou-a para entender o fenômeno da austeridade na imprensa portuguesa. Essa metáfora faz parte de uma mais genérica, proposta por Lakoff e Johnson (a *ESTRUTURA DE EVENTO*), e caracteriza-se pela conceptualização de ações, estados, mudanças, causas, objetivos e instrumentos em termos de espaço, movimento e força (Lakoff; Johnson, 1999). O autor demonstra serem as políticas de austeridade em Portugal conceptualizadas como *EVENTOS*–guerra, jogo, atividades moral ou imoral, ou ainda como ações na gestão familiar da casa (*EVENTOS SÃO AÇÕES*). São metáforas que compartilham atributos como conflito, agressividade, competitividade, capacidade de sacrifício, sofrimento e (i)moralidade.

No nível linguístico-discursivo, as metáforas de guerra descritas por Silva (2015) incluem pistas como “combater a austeridade” e “cruzada anti-austeridade”. Em um de seus *corpora*, sublinha-se a presença de 50.7% de metáforas de *EVENTO/AÇÃO* que instanciam a metáfora missão, sinalizando serem o aumento de impostos, a rigidez e sofrimento impostos pelo programa de ajustes, obrigatórios para salvar o país; portanto, uma obrigação moral, voltada para o bem-estar de todos. Em outro *corpus*, 19.4% das ações sinalizadas no nível conceptual metafórico *EVENTO/AÇÃO* são imorais, posto que envolvem ações que ignoram o sofrimento da população, a miséria e as maldades políticas.

Tanto a metáfora quanto a metonímia conceptual emergem do uso da linguagem em contextos situados como é o caso dos discursos multimodais, em HQs e charges, objeto de análise deste artigo. Forceville (2017) propõe serem elas tanto pictóricas quanto multimodais. Metáforas e metonímias incluídas no primeiro grupo (pictóricas) são aquelas em que tanto o domínio de fonte quanto o domínio alvo são predominantemente visuais ou pictóricos. As incluídas no segundo (multimodais) são aquelas em que os domínios de origem e o alvo ocorrem exclusivamente ou predominantemente em modalidades distintas – pictóricas e verbais. Ambas indexam ideologias e noções de moralidade com os mesmos aspectos estruturantes anteriormente mencionados. Na charge, em sua forma pictórica ou multimodal, essa ideologia e/ou moral é materializada por meio da cor, da forma, da distribuição espacial da expressão dos caricaturados, da massa física ou qualquer outra forma material (Bakhtin, 2003) para além da palavra. Tais materializações, segundo Bakhtin, indexam a experiência na vida cotidiana; possuem realidade sónica.

A escolha das charges enquanto banco de dados decorreu do interesse pelo uso pictórico, muitas vezes caricaturado, e pictórico/verbal da linguagem, ambos sugestivos de estruturas discursivo-ideológicas que refletem e refratam a realidade vivida (Fairclough, 2001).⁵ Muitas vezes, chocam ou sugerem âncoras conceptuais que vão contra ideias estabelecidas no *status quo*. Da perspectiva moral, isso parece torná-las especialmente interessantes em um estudo sociocognitivo-discursivo e crítico, já que aspectos do SISTEMA METAFÓRICO DA MORALIDADE parecem circular na posição espacial das imagens, no uso das cores e na expressão dos caricaturados, como se pretende demonstrar.

⁵O discurso não só espelha o contexto sócio-histórico e experiencial, mas também os molda e transforma de acordo com a perspetivação de quem os constrói, seus interesses, ideologias e propósitos, alterando a forma como a realidade é percebida (Bakhtin, 2003; Fairclough, 2001).

Tais pistas pictóricas são tema dos estudos da multimodalidade, conforme proposto por Forceville (2009; 2016; 2017). Trata-se de um viés que já incorpora nativamente as teorias da Linguística Cognitiva para explicar a construção de sentido em gêneros multimodais, como é o caso das charges (Cavalcante; Gomes Junior, 2021; Kress; Van Leeuwen, 2006), que somam à linguagem verbal a cor, a imagem, o gesto, o movimento, a direção do olhar dos caricaturados, dentre outros aspectos (Carvalho, 2022; Ramos; Carmelino, 2020). Todos funcionam como gatilhos para a conceptualização, constituindo os elementos do domínio fonte na construção metafórica (Forceville, 2017) do domínio alvo ou a PARTE que se relaciona com o TODO na construção metonímica de um conceito.

Embora a percepção da cor e suas interpretações socioculturais possam variar socioculturalmente e individualmente, são em geral interpretações que emergem de entendimentos materializados pela coletividade e anotados em dicionários de cor que discorrem sobre seus efeitos psicológicos (Silveira 2015, p. 2018). Essas interpretações surgem da comunhão de valores culturais com os efeitos psicológicos das cores e sua materialização por uma comunidade, na forma de modelos culturais. No dicionário das cores de Laura Aidar (*on-line*), o amarelo é descrito como uma semiose que remete ao universo da ansiedade e do desespero, sempre que usado em excesso (a COR pelo SENTIMENTO no domínio das EMOÇÕES). Foi a cor preferida de van Gogh (Coelho, *on-line*). É também tida como um sinal de alerta (vide o sinal de trânsito amarelo que simboliza “prestar atenção”).

Tanto quanto a cor, a forma como as semioses são representadas e se combinam também se constitui em gatilho metafórico e metonímico. Como propõe Forceville (2016), a posição espacial de imagens pode remeter ao SISTEMA METAFÓRICO DE MORALIDADE (Lakoff, 2016). Tal posicionamento no espaço é abordado por Kress e van Leeuwen (2006). Segundo os autores, a disposição espacial de imagens assume o mesmo valor funcional de estruturas sintáticas, como tal sendo passíveis de análise. Kress e van Leeuwen propõem que essas regularidades são afirmações visuais que indexam significados culturais, segundo a perspectivação do chargista. Na análise de charges empreendida para este trabalho, analisou-se a conceptualização resultante do arranjo espacial, das cores, das expressões faciais, enquanto índices de valores culturais compartilhados. Tendo em vista que no aporte de Kress e Van Leeuwen o significado é uma função, três metafunções foram recrutadas para a análise do *corpus*:

A representacional, que é sinalizada pela localização espacial dos elementos na charge, suas relações com os outros signos e o valor que cada um assume. Marchon e Antunes (2021) mostram, por exemplo, como a própria disposição dos personagens caricaturados em um cenário na charge já indexam posicionamentos político-ideológicos da esquerda ou da direita. Entende-se que tal posicionamento espacial das caricaturas é uma metonímia para o conflito engendrado pela direita e a esquerda no domínio político-ideológico (LOCALIZAÇÃO ESPACIAL POR IDEOLOGIA, ou

ainda, LOCALIZAÇÃO ESPACIAL POR INDIVÍDUOS RESPONSÁVEIS). Ou seja, o arranjo espacial das caricaturas na charge relaciona-se com a representação conceptual da nossa experiência no mundo. Kress e van Leeuwen (2006) sublinham igualmente que tudo aquilo que aparece na parte superior de uma imagem tem valor ideológico agregado e é classificado como *ideal*. Já o que aparece na parte inferior da charge habita no âmbito do *real*. Esse arranjo espacial pode apontar para relações de CAUSA-EFEITO, em que a saliência cognitiva recai sobre as CAUSAS, pois estas figuram na parte superior da charge, espaço em que o chargista posiciona aquilo que julga *ideal*.

A composicional, que corrobora o que fica saliente à percepção. Trata-se de uma metafunção que emerge do posicionamento dos elementos visuais e/ou verbais: que elementos figuram em primeiro ou segundo plano, seu tamanho relativo, contraste tonal (ou cor) entre eles e distinções de nitidez. Quanto maior for o peso de um determinado elemento na composição, maior será a sua relevância na construção de sentido.

A interativa, que se origina da relação entre quem vê e o que está sendo visto. Essa relação pode ser estabelecida pelo olhar, pela distância ou pelo ponto de vista (Kress; Van Leeuwen, 2006).

O ferramental teórico transdisciplinar (Linguística Cognitiva + ACD + Estudos da Multimodalidade), delineado nessa seção, guia a interpretação dos dados, visando a entender como os chargistas “se referiram e construíram de maneira metafórica versões públicas de situações político-sociais e dos agentes nelas envolvidos” (Palumbo, 2014, p. 1318).

A imigração

Adota-se, neste estudo, o entendimento de que “toda e qualquer pessoa que tenha mudado o país de sua residência” (ONU-DESA, 1998, p. 83)⁶ é um imigrante ou “migrante internacional”, expressão usada pela ONU. Nessa categoria se incluem, independentemente do status legal ou razão que motiva a migração, expatriados, refugiados, ou qualquer trabalhador que passe pelo menos um ano no país acolhedor.

Assume-se essa definição face ao crescimento constante dos transnacionais pelos mais diferentes motivos, e devido às divergências nas definições correntes de imigração e migração. Em última instância, são os discursos oficiais de cada Estado que sinalizam quem é um “imigrante” e, dependendo dessa categorização, os direitos políticos e sociais do imigrante também variarão. São, portanto, discursos que sinalizam ideologias (implícitas ou explícitas) e que têm desdobramento em como o imigrante é visto pela sociedade que o acolhe. Na Europa, imigrantes com baixa qualificação são considerados “trabalhadores imigrantes”, e os qualificados são “expatriados”. De modo crítico, no entanto, todos são “imigrantes”.

⁶DESA – Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas.

Historicamente, foram os aspectos motivadores da migração que explicaram esses deslocamentos internacionais – a religião, a qualificação profissional e as oportunidades de trabalho no país de origem, a etnia, fatores políticos – e que deram origem a discursos de poder por parte dos grupos dominantes. A força desses discursos provocou, muitas vezes, o aparecimento de minorias étnicas que, mesmo já tendo residência oficial no país acolhedor, continuaram a se sentir e agir como imigrantes. São fenômenos decorrentes da exclusão, do racismo ou da discriminação por parte da sociedade acolhedora. É impossível olhar para os movimentos (i)migratórios sem analisar o contexto macro no qual ocorrem (Elijah, 2023). Estrangeiros com baixa qualificação assumem posições distintas na jurisdição de cada Estado e são consequentemente acolhidos de maneira diversa.

Estudos de Musolff (2015) e Hart (2010) na Inglaterra mostram serem os imigrantes vinculados à ideia de invasão. Dentre as metáforas encontradas por Hart nos documentos do Partido Nacional Britânico, encontram-se IMIGRAÇÃO É FLUXO DE ÁGUA OU DESASTRE NATURAL e IMIGRAÇÃO É INVASÃO. Resultados semelhantes aparecem no discurso de Marie Le Pen em suas postagens no X, antigo Twitter. Franco (2020) encontrou em seu *corpus* metáforas tais como IMIGRAÇÃO É A RUÍNA DOS SISTEMAS SOCIAIS FRANCESES e IMIGRAÇÃO É INSEGURANÇA, dentre outras, tendo como domínio alvo uma categoria que precisa ser contida.

Seguindo a mesma linha de pensamento, Musolff (2015) analisa o discurso de Theresa May, no qual os estudantes internacionais são tratados como imigrantes com a clara intenção de impedir o fluxo contínuo de alunos estrangeiros para a Inglaterra. A primeira-ministra repete 16 vezes a palavra “abuso” em seu discurso e afirma que os estudantes internacionais se aproveitam da vida universitária para permanecer no país. Além disso, Musolff também estuda excertos do *The Daily Telegraph* e do *The Guardian*, jornais britânicos, ao longo de 2009 e 2010. Nesses excertos, as metáforas correntes foram NAÇÃO É CONTÊINER e FLUXO DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS É INVASÃO. O autor conclui que a solução seria fechar as portas e evitar o “fluxo dos falsos”. Hart (2007; 2010), Musolff (2015) e Chilton (2005) sublinham serem as metáforas índices de manipulação ideológica que circulam no discurso assim como de exercício de poder sobre grupos minoritários. Hart (2010) vai além e aponta a conceptualização como difusora de preconceitos. No *corpus* em tela, parece-nos ser o caso das duas categorias sob escrutínio.

A charge: gênero multimodal

A charge sinaliza ideologias e posicionamentos por meio de vários recursos semióticos, “(des/re) contextualiza-os em novos ambientes interacionais em progresso [...] estabelecendo posicionamentos e posicionando nossos/as interlocutores/as” (Szundy; Fabricio, 2019, p. 68). Enquanto gênero, tem como propósito criticar eventos ou acontecimentos da cena sociopolítica, econômica e cultural do mundo corrente por

meio do humor (Ramos, 2009; Riani-Costa, 2001; Lima, 2014; Souza; Drigo, 2006; Romualdo, 2000; Duque, 2021). Do mesmo modo, provoca reflexão (Duque, 2021; Ramos, 2009; Riani-Costa, 2001) e pode motivar o alinhamento e ação por parte de outros (Weingand, 2012), seja por meio do humor ou da irreverência.

Quando aparece em um veículo jornalístico, tende a se alinhar aos propósitos político-ideológicos da revista ou jornal em que é publicada, pois há interesses corporativos e financeiros envolvidos (Duque, 2021). Análises que envolvam charges dessa natureza requerem, portanto, minuciosa especificação do contexto do discurso, indo do enunciador ao perfil da instituição jornalística em que a charge é publicada. Se publicadas ao mesmo tempo no Facebook, no X e no perfil do chargista, carregarão consigo os mesmos interesses e alinhamento político-ideológicos do jornal que originariamente as veiculou. Esse é o caso das charges do *corpus* gerado.

O *corpus* e o processo metodológico

O *corpus* de charges deste estudo foi gerado no X, no Facebook e em jornais publicados *on-line* (Jornal Virtual Roraima em Tempo; Gazeta do Povo; Zero Hora; Diário Catarinense e Folha de São Paulo). Resultou de buscas avançadas no Google imagens, tendo expressões específicas como filtros, dentre elas “charge”, “crise na Venezuela”, “imigração venezuelana” e “refugiados venezuelanos” no período de 2017 e 2022. Vinte e duas charges foram ao encontro desses filtros, das quais selecionamos três para exemplificar as regularidades que emergiram, sem compromisso com generalizações ou julgamentos de valor. Para chegar até elas, seguiu-se os seguintes passos: (1) leitura cuidadosa das charges para verificação do tema alvo de análise; (2) contextualização da crise venezuelana e do contexto sociopolítico do Brasil; (3) codificação de pistas linguísticas, discursivas ou pictóricas que possivelmente estabeleciam elos com a conceptualização construída pelo autor da situação venezuelana, dos venezuelanos e do contexto brasileiro; (4) definição de atributos que permanecem no foco de atenção e para que domínio eles dirigem a percepção; (5) releitura das charges para ligar as pistas metafóricas e metonímicas a categorias, que, por seus atributos implícitos e explícitos, foram nomeadas pela autora (IMIGRAÇÃO e BRASILEIRO); (6) definição do cenário mais concreto e familiar cujos atributos se mapeavam no conceito mais abstrato, de forma implícita ou explícita; (7) verificação da clareza da metáfora e da associação entre elementos verbais e pictóricos (domínio fonte) aos conceitos críticos (domínio alvo), a partir do conhecimento compartilhado do que acontece na Venezuela e no Brasil; (8) verificação da clareza da metonímia e sua evocação por elementos verbo-visuais que dirigem a atenção para conceitos mais abstratos seja em relações de CAUSA-EFEITO ou PARTE-TODO, por contiguidade ou por inferência.

Seguiu-se ainda a lógica abdutiva em uma pesquisa de natureza qualitativa. Ou seja, no processo de pesquisa, implementou-se uma

interação constante entre *indução* ↔ *dedução* ↔ *verificação*, gerando, codificando e categorizando os dados. Foi a pesquisadora, baseada em suas análises e em sua própria teorização, quem decidiu que dados seriam coletados e que amostragem seria escolhida para demonstrar as regularidades encontradas. Tais regularidades apontaram para uma conceptualização de IMIGRAÇÃO, dos IMIGRANTES VENEZUELANOS e de BRASILEIRO inesperada.

Como exposto no arcabouço teórico, a análise funda-se nos pressupostos da abordagem sociocognitiva-discursiva e crítica (Chilton, 2005; Charteris-Black, 2006, 2011, 2012; Silva, 2015; Hart, 2007, 2010, 2014, 2015; Souza; Duque, 2018; Palumbo, 2014; Gonçalves-Segundo, 2015) e dela extrai suas categorias de análise. Destacam-se no processo analítico: o conceito de *construal* e perspectivação conceptual propostos por Langacker (2008); o SISTEMA METAFÓRICO DA MORALIDADE proposto por Lakoff (2016); o arranjo espacial (metafunção representacional) como pista político ideológica; a metafunção da composicionalidade como índice da relação figura-fundo; e a metafunção interativa que trata de quem vê, do que está sendo visto e do ponto de vista do chargista, essencial para tratarmos da perspectivação (Kress; Van Leeuwen, 2006).

Análise

Nesta seção demonstra-se como as duas categorias identificadas – IMIGRANTES VENEZUELANOS e BRASILEIRO – são conceptualizadas pelos chargistas com base nas metáforas e metonímias engatilhadas por pistas multimodais. São metáforas e metonímias que no nível discursivo-pragmático funcionam como ações políticas, em uma situação que envolve conflito entre dois grupos e seus interesses.

A conceptualização de BRASILEIRO e IMIGRAÇÃO

Perante a crise humanitária vivida pela Venezuela, milhares de venezuelanos imigraram para o Brasil (Barbosa, 2022; Barbosa; Fonseca, 2020). O fluxo migratório assolou de tal modo cidades fronteiriças do Estado de Roraima, que o Estado decretou calamidade pública. Foi instituída, então, uma Operação de Acolhida com a cooperação das Forças Armadas e agências humanitárias internacionais para atender as necessidades básicas e de integração desses imigrantes em território brasileiro. No entanto, o que se viu nas redes sociais e até mesmo por parte de alguns governos estaduais foi insensibilidade e até mesmo intolerância para com os imigrantes.

Na Figura 1, o arranjo espacial das semioses visuais fala *per se*. Do lado esquerdo, os Venezuelanos, que vivem uma ditadura de esquerda. Do lado direito, os brasileiros, como se o Brasil Bolsonaroista de direita enfrentasse agressivamente os venezuelanos à esquerda. O arranjo espacial evoca a metonímia LOCALIZAÇÃO ESPACIAL POR EVENTO ou LOCALIZAÇÃO POR IDEOLOGIA, em que um “lugar” se relaciona por proximidade ou contiguidade com um conjunto de crenças/valores.

Ou seja, o arranjo espacial na Figura 1 sinaliza aspectos ideológicos referentes aos venezuelanos e sua organização política e simplifica a complexidade da ideologia ao reduzir ideias abstratas a uma localização espacial. Enfim, a metonímia multimodal transforma o arranjo espacial da charge em posições ideológicas, criando uma associação direta entre “posição espacial” e “significado”.

Cabe ainda mencionar que composicionalmente, o que permanece em saliência cognitiva é o abismo entre os dois lados, pois a terra se abriu. O abismo aparentemente intransponível funciona como uma metáfora pictórica: ABISMO É ANTAGONISMO. No caso, um antagonismo nascido de questões ideológicas e relativas à proteção de um território que os brasileiros julgam necessitar de defesa.

Se considerarmos que a charge refrata e reflete a realidade vivida (Fairclough 2001; Elhajji, 2023), os brasileiros, nos anos de 2018-2022, encontravam-se sob o governo de Bolsonaro e sua forte tendência à proteção de fronteiras, de modo rígido, e sem considerações humanitárias. Os brasileiros caricaturados parecem assumir esse posicionamento, corroborando com a ideia de que o contexto social baliza a perspectivação conceptual (Croft; Cruise, 2004). No domínio fonte, a terra (índice de segurança) se abre, rompendo a segurança existente e separando os dois grupos de modo antagonico, como se um fosse uma ameaça para o outro. Enquanto os brasileiros vociferam com expressões faciais agressivas, joelhos ligeiramente curvados, em posição de ataque, os venezuelanos são representados como “desempoderados” (Lakoff, 2016), com expressão de assustados, sobrelhas arqueadas para baixo, cabisbaixos e de certa forma prostrados.

Por outro lado, os brasileiros aparecem com sobrelhas arqueadas para cima, bocas abertas, mostrando os dentes, como se ameaçando e mandando o grupo de venezuelanos permanecer onde está, engatilhando mais uma vez a metonímia LOCALIZAÇÃO ESPACIAL POR EVENTO e/ou INDIVÍDUOS RESPONSÁVEIS pela possível invasão de seu território e o rompimento de sua segurança. Trata-se de uma metonímia pictórica com a função de “propiciar o entendimento” (Lakoff; Johnson, 1980, p. 93) de todo um cenário relativo à crise venezuelana e “não um mero recurso referencial”. Por inferência, tomando esse cenário, os brasileiros julgam ser os venezuelanos os responsáveis pela invasão de seu território.

Por outro lado, no domínio fonte da metáfora multimodal, a indicação dos países é feita de forma verbal e não apenas pictórica, tornando a referência explícita. O fundo da charge é roxo, tom predominante. Dentre os seus significados no dicionário das cores de Laura Adair (*on-line*), o roxo remete à crueldade e ao luto na cultura brasileira. É a cor usada durante a paixão de Cristo, evocando compaixão e misericórdia em uma relação metonímica.



Figura 1. IMIGRAÇÃO É INVASÃO DE CONTÊINER.

Fonte: Zé Dossilva (2018).

A compaixão nas relações humanas é obscurecida pela ideologia e pelo medo de invasão de um território que os brasileiros tomam como propriedade que requer proteção. Ou seja, no espaço inferencial do discurso proposto pela charge, a categoria **BRASILEIRO**, tradicionalmente caracterizada por atributos como a generosidade, o carinho, o cuidado, teve esses atributos deslocados por força do contexto. A relação entre os **BRASILEIROS** e os **IMIGRANTES VENEZUELANOS** passou a ser caracterizada por atributos como a discriminação, a agressividade, a crueldade, a arrogância e o desamor. Por consequência, a imigração dos venezuelanos passou também a ser conceptualizada como invasão do território nacional. Como já proposto por trabalhos anteriores que analisaram a conceptualização de imigração em outros contextos (Charteris-Black, 2004; Hart, 2010; Soares da Silva, 2015; Lakoff, 2016; Musolff, 2015), a **IMIGRAÇÃO É INVASÃO DE CONTÊINER** e o **IMIGRANTE É INVASOR**, alguém que deve ser punido, pois veio usurpar benefícios que deveriam ser apenas dos brasileiros. Atributos de invasão e de contêiner constituem o domínio fonte e mapeiam seus atributos para o domínio alvo, imigração.

Na Figura 2, novamente há atributos de invasão e de contêiner constituindo o domínio fonte, reforçados pela pista verbal destacada em vermelho (“invasão venezuelana”), localizada do lado esquerdo superior da charge.



Figura 2. IMIGRAÇÃO É INVASÃO DE CONTÊINER / IMIGRANTE É INVASOR.

Fonte: Sérgio Paulo (2017).

O cenário da Figura 2,⁷ de autoria de Sérgio Paulo, é a Praça do Centro Cívico, em Boa Vista, capital de Roraima, sede dos Três Poderes do Estado. Nela encontra-se o Monumento ao Garimpeiro, homenagem àqueles que primeiro enfrentaram os desafios da mineração em Roraima, no início do século XX, em uma corrida por ouro e outros metais preciosos. No arranjo espacial, esse garimpeiro grita por “socorro”, pista verbal que surge no balão, no topo superior da charge, em destaque, dividindo os dois grupos, o do lado esquerdo representando os venezuelanos e o do lado direito representando os brasileiros. Mais uma vez, a separação espacial entre os dois grupos sinaliza a animosidade entre eles e seu posicionamento ideológico. Essa separação espacial ativa a metonímia LOCALIZAÇÃO ESPACIAL POR IDEOLOGIA, conforme já discutido na análise da Figura 1. Essa representação pictórica reforça o pensamento de Lakoff e Johnson (1980) de que a metonímia emerge em áreas como o simbolismo cultural, nos gestos humanos e na iconicidade de modo geral, para além da sua função referencial. As representações pictóricas são apenas representações parciais de conceitos mais abstratos que são invisíveis (como as emoções e os posicionamentos ideológicos) e só podem ser visualizadas por meio de seus sintomas pictoricamente representados (Feng, 2017); por exemplo, a localização espacial de venezuelanos e brasileiros e suas expressões faciais à luz do cenário da crise humanitária venezuelana. “Na Linguística Cognitiva, a metonímia é considerada um processo cognitivo que evoca um *frame* conceitual, não apenas uma substituição entre expressões linguísticas” (Panther; Radden, 1999, p. 9).⁸

Convém ainda destacar o grito de socorro saindo da estátua do garimpeiro brasileiro (verbalmente explicitado no balão), que tem os olhos voltados para seus conterrâneos. Trata-se de uma pista pictórica e verbal

⁷Fernandes (2021) já abordou essa charge sob a ótica da AD, tendo descrito igualmente o cenário aqui abordado.

⁸In cognitive linguistics, metonymy is regarded as ‘a cognitive process that evokes a conceptual frame, rather than merely a matter of the substitution of linguistic expressions’ (Panther; Radden, 1999, p. 9).

que nos permite inferir que a situação saiu do controle, dada a dimensão do caos instalado na praça de Boa Vista. Na dimensão pragmática do não dito, flutua a inferência de que nem mesmo os garimpeiros, acostumados às intempéries, conseguem lidar com a situação.

O arranjo espacial e as expressões faciais dos venezuelanos (abatidos e tristes) contrastam-se com a localização e expressão dos brasileiros, que parecem estar de prontidão do lado direito, para enfrentar o perigo, ou demonstram aborrecimento, como parece ser o caso do personagem no espaço inferior da charge, também do lado direito. Tanto o arranjo espacial quanto as outras pistas pictóricas e verbais são atributos do domínio fonte. A separação entre os grupos pela estátua do garimpeiro, assim como o grito de socorro assumem a proeminência cognitiva no que tange à composicionalidade. Ainda no centro, com menor grau de protagonismo, um bandido armado sorri maliciosamente, levando-nos a inferir que a criminalidade também faz parte da crise instalada pelos imigrantes (a criminalidade é outro atributo do domínio fonte que é mapeado para o domínio alvo, imigração). Franco (2020) já havia mencionado esse atributo ao investigar a conceptualização de imigração na França, frente ao ponto de vista da direita francesa, em tuítes da Marie Le Pen, apontando para a metáfora *IMIGRAÇÃO É INSEGURANÇA*.

Na assimetria figura-fundo, o cenário de fundo é composto pelo Palácio Senador Hélio Campos, sede do governo do estado de Roraima, e pela Assembleia Legislativa (compõem o fundo superior de toda a charge). São ícones, como proposto por Fernandes (2021), que remetem ao papel do poder público diante da crise provocada pelo fluxo de venezuelanos e a animosidade entre os grupos da esquerda e da direita. Um desses papéis seria o estabelecimento da ordem, a mediação dos interesses da sociedade e a garantia do bem-estar público. Ou seja, o Estado parece inoperante diante da crise.

Consequentemente, infere-se que no nível cognitivo-pragmático, a categoria *BRASILEIRO* não mais é caracterizada pelo atributo “hospitaleiro” no contexto da crise aqui tematizada. A categoria sofreu reestruturação conceptual por força do contexto político e social. Tal interpretação é consoante à pesquisa realizada pelo Instituto Qualibest, em 2023, entre imigrantes cubanos, venezuelanos, sírios, haitianos que chegaram ao Brasil nos últimos anos.⁹ Em 47% das entrevistas (praticamente a metade), há relatos de discriminação devido às nacionalidades. Tal discriminação ocorre na forma de uma recusa de emprego ou até mesmo de agressão física. Como já afirmado por Hart (2010), as metáforas são difusoras de preconceitos. Parece também haver discriminação ao imigrante pobre. Barbosa e Fonseca (2020), Barbosa (2022) e Batista (2022) propõem que há um ideal de imigrante entre os brasileiros, cujo posicionamento (Szundy; Fabrício, 2019) é representado multimodalmente nas Figuras 1 e 2. Esse ideal enseja um imigrante branco, educado, com algum recurso financeiro. Não é o caso dos venezuelanos que chegam ao Brasil.

⁹ Disponível em: <https://www.institutoqualibest.com/blog/refugiados-no-brasil/>. Acesso em jan. 2026.

Na Figura 3, Zé Dassilva representa a ajuda humanitária enviada pelo Brasil como desconsideração para com a população brasileira desfavorecida, com o propósito de criticar esse posicionamento. Por inferência, os venezuelanos emergem como usurpadores de benefícios sociais (remédios de graça) já parcos para os menos favorecidos no Brasil. O arranjo espacial e a composição da charge são formados por um fundo de tela de TV que aparece do lado esquerdo (venezuelano) da charge e é roxo, remetendo à reflexão e à compaixão,¹⁰ por um fundo preto no topo superior direito, que representa a população desfavorecida no Brasil, indexando o medo, a tristeza, a raiva e a complexidade da realidade brasileira enquanto CAUSAS da indignação dos menos favorecidos. Essa análise nos leva à metáfora LOCALIZAÇÃO ESPACIAL É CAUSA, proposta por Lakoff e Johnson (1980). Segundo os autores, fenômenos complexos como CAUSAS e ESTADOS são compreendidos em termos de posição no espaço físico. O preto e os índices verbais “também quero” e “vai pra Venezuela” ancoram, por inferência, os sentimentos dos brasileiros menos favorecidos, por aparecerem no topo superior da charge.

Tanto o fundo roxo quanto o preto ficam em proeminência, funcionando como figura. Em sua parte inferior, a charge é branca, remetendo à sinceridade dos caricaturados (EFEITO). Enquanto a expressão facial do primeiro caricaturado é de surpresa (ele parece estar incrédulo frente à notícia), o outro está com expressão de bravo, sobrancelhas arqueadas para o alto e o dedo em riste, demonstrando indignação. A expressão facial do repórter é de preocupação; encontra-se face a face com os dois caricaturados brasileiros, como se os estivesse alertando para o perigo. Na dimensão inferencial, o que os elementos pictóricos e verbais sinalizam é que a AJUDA HUMANITÁRIA passou a ser conceptualizada como CAUSA da indignação da população brasileira menos favorecida. Do mesmo modo, o IMIGRANTE passou a ser conceptualizado como USURPADOR de benefícios destinados à população brasileira.

De acordo com Fusaro e Feldens (2021, p. 271), “nosso presente passou a ser colonizado por expectativas em que a associação do risco com o comportamento, afeta um campo moral” e “muitas das questões que agem sobre o medo se dão no campo da imaginação, da especulação, não do real” (Fusaro; Feldens, 2021, p. 272). A percepção de mundo representada na Figura 3 é obscurecida pelo medo da população carente no Brasil. O ser humano é levado a gerar “respostas cognitivas compensatórias” conforme as exploradas por Brandt e Crawford (2020), inclusive em seus aspectos emocionais, pessoais e sociais. Uma dessas respostas é a hostilidade para com o outro, de tal modo que a costumeira hospitalidade do brasileiro, mesmo que muitas vezes idealizada, transforma-se em hostilidade para com atitudes humanitárias.

No âmbito da metafunção interativa, quem fala nas Figuras 1 e 3 ou quem assim caracteriza os imigrantes face ao contexto vivido é Zé Dassilva, um cartunista que colabora com o Diário Catarinense e que mantém no X e no Instagram postagens diárias com suas

¹⁰O roxo remete à compaixão, como anteriormente mencionado, e à reflexão, pois para além do seu simbolismo histórico-espiritual, há um equilíbrio entre a intensidade do vermelho e a calma do azul, que estimula a interiorização.

charges. Publicou várias relativas à crise humanitária na Venezuela e a consequente imigração para o Brasil entre os anos de 2017 e 2022. Em decorrência, foi premiado com 43º Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos na categoria melhor arte. Trata-se, portanto, de um autor que defende os direitos humanos. Ou seja, seu objetivo comunicativo é claro: defender o direito dos imigrantes ao asilo político e à ajuda humanitária e criticar quem se opõem. Assume o papel de PAI CUIDADOSO (Lakoff, 2016), pois denuncia fatos do cotidiano que ferem os direitos humanos, a Lei nº 9.474/1997, que regula o estatuto dos refugiados no Brasil, assim como o Pacto Global para Migração firmado pela ONU, que garante o direito universal ao asilo e defende o acesso a serviços, mesmo em contextos de fronteira.



Figura 3. AJUDA HUMANITÁRIA AOS VENEZUELANOS CAUSA INDIGNAÇÃO NA POPULAÇÃO BRASILEIRA DESFAVORECIDA.

Fonte: Zé Dassiwa (2019).

Seguindo também a linha humanitária, o autor da Figura 2, Sérgio Paulo, tem o mesmo propósito comunicativo: criticar e denunciar. Sérgio Paulo, um cartunista negro, colabora com o Jornal Roraima em Tempo, e, em 2013, teve um de seus trabalhos selecionados para o 21º Salão Internacional de Desenho para Imprensa. Morador de Boa Vista, é testemunha ocular do fluxo migratório venezuelano e sua chegada à cidade. Portanto, vivencia diariamente o que é a chegada massiva e o acolhimento aos refugiados Venezuelanos, já que Boa Vista é a porta principal de entrada da Venezuela para o Brasil. Seu trabalho representa essa vivência e os impactos econômicos e sociais, principalmente na área da saúde, segurança e integração dos refugiados. Tal qual acontece com Zé Dassilva, suas charges circulam no Instagram, X e Facebook (@sergiopaulocharges).

Em outras palavras, ambos os chargistas retratam fatos ligados ao fluxo de venezuelanos para o Brasil entre 2017 e 2022, criticamente, em uma perspectivação humanitária. A representação multimodal que propõem foi interpretada assumindo-se essa perspectivação, admitindo-se aqui que possa haver outras interpretações, inclusive por parte dos dois chargistas.

Para explicar o que os chargistas denunciam e como a categoria BRASILEIRO foi conceptualmente reestruturada é necessário recorrer aos elementos da realidade referenciada, tal qual presentes no contexto macro da vida cotidiana desses dois grupos (brasileiros e venezuelanos). O contexto político-social da Venezuela, que até pouco tempo vivia a ditadura imposta por Nicolás Maduro, aflige a população com o racionamento de alimentos básicos, precariedade na área da educação e saúde, entre outras restrições típicas de regimes autoritários.

Os venezuelanos que aportam no Brasil, portanto, possuem o perfil de uma população socialmente vulnerável. Essa vulnerabilidade social parece não se encaixar no ideário do imigrante do brasileiro. Segundo Batista (2022), Barbosa (2022) e Theves e Uebel (2021), não se trata exatamente de uma reação xenofóbica, mas sim aporofóbica, pois impera o medo do pobre que vem ao Brasil gozar dos benefícios oferecidos pelo Brasil, país em que a população menos favorecida também sofre a falta de emprego e de um serviço educacional e de saúde adequados (IMIGRAÇÃO É A RUÍNA DOS SISTEMAS SOCIAIS BRASILEIROS; ver Franco, 2020). Ou seja, a realidade brasileira é complexa, com desafios socioeconômicos e de empregabilidade. Isso implica dizer que o imigrante é perspectivado como aquele que chega para disputar os raros serviços públicos oferecidos pelo Estado (Figura 3).

Além disso, cabe mencionar o contexto político-ideológico do Brasil, nos anos 2017-2022, guiado por discursos populistas e uma ideologia pautada na noção paranoica de proteção de fronteiras, discurso da ala bolsonarista. Dar ao refugiado, nesse contexto, é ação ressignificada como tirar de si próprio ou daquilo que é “nosso”. O IMIGRANTE VENEZUELANO é então (re)categorizado como um INVASOR que ameaça a propriedade, os

direitos e as oportunidades dos brasileiros. De tal modo que o BRASILEIRO, geralmente caracterizado por atributos presentes no SISTEMA METAFÓRICO DA MORALIDADE (Lakoff, 2016), como a generosidade, a humanidade, passa a ser uma categoria estruturada por atributos como a agressividade, a raiva, o preconceito, a discriminação, conforme a linguagem verbo-pictórica das Figuras 1, 2 e 3.

A conjugação dos signos verbais com os visuais, inclusive a localização em que se encontram no espaço, sinalizam essa interpretação e as (re)categorizações delas consequentes. As metáforas e metonímias multimodais nas charges do *corpus* podem ser resumidas pelo Quadro 2:

Quadro 2. Metáforas e metonímias multimodais nas charges do *corpus*.

METÁFORAS IMIGRAÇÃO DE VENEZUELANOS É INVASÃO TERRITORIAL IMIGRAÇÃO É INVASÃO DE CONTÊINER IMIGRANTE VENEZUELANO É INVASOR IMIGRANTES VENEZUELANOS SÃO USURPADORES
METONÍMIAS LOCALIZAÇÃO ESPACIAL POR IDEOLOGIA LOCALIZAÇÃO ESPACIAL POR INDIVÍDUOS RESPONSÁVEIS COR POR SENTIMENTO AJUDA HUMANITÁRIA (CAUSA DA INDIGNAÇÃO DOS DESFAVORECIDOS BRASILEIROS) IMIGRAÇÃO VENEZUELANA (CAUSA DA RUÍNA DOS SISTEMAS SOCIAIS BRASILEIROS)

Fonte: elaboração própria.

Reflexões finais

Em termos pragmáticos, as três charges criticam o comportamento do brasileiro para com os venezuelanos e denunciam atitudes consideradas desumanas pelos chargistas. No âmbito da moralidade, o fundamento é o bem-estar do ser humano e, conforme Lakoff (2016) e Lakoff e Johnson (1999), um bem-estar fundado em uma rede metafórica na qual ideais morais como a compaixão e a virtude resultam das experiências humanas sobre o que devemos ter ou fazer para viver bem. Uma dessas metáforas é MORALIDADE É EMPATIA: trata-se de uma metáfora que se baseia na capacidade de se colocar no lugar do outro ou, ainda, uma projeção metafórica voltada para atitudes que promovam o bem-estar do outro. A segunda metáfora é MORALIDADE É FORÇA, que se poderia traduzir no ditado popular “a união faz a força”. Essa metáfora baseia-se na força físico-emocional que motiva a superação de desavenças e o uso da união como forma de confrontar o mal. Por fim, a metáfora MORALIDADE É NUTRIÇÃO, que se baseia na empatia e compaixão pelo outro. Cada ser humano no exercício de sua humanidade tem a responsabilidade de cuidar de si e dos outros. Todas essas metáforas configuram ações morais.

No caso das categorias BRASILEIRO e IMIGRAÇÃO VENEZUELANA, conforme as metáforas e metonímias multimodais que medeiam a construção de sentido, essas ações foram deslocadas das categorias. Em seu lugar

surgiram ações imorais. Os chargistas indexam sua crítica a tais ações por meio de metáforas e metonímias multimodais, que ousamos chamar de imorais, pois vão de encontro ao proposto por Lakoff (2016) e Lakoff e Johnson (1999), Fusaro e Feldens (2021) e às ações humanitárias defendidas pela Lei e pelas Nações Unidas. Ambos os chargistas, portanto, sinalizam plasticamente uma atitude comprometida com a humanização das relações políticas e sociais (Quadros 2 e 3), provocando reflexão e motivando, por meio da crítica, outros a se alinharem a eles (Weingand, 2012; Szundy; Fabrício, 2019).

Quadro 3. BRASILEIRO.

ANTES (mesmo que de modo idealizado)	CRISE VENEZUELANA A PARTIR DE 2017
GENEROSIDADE	AGRESSIVIDADE
CARINHO PELO OUTRO	RAIVA
ATITUDES GRACIOSAS	ATITUDES DESUMANAS
PREOCUPAÇÃO COM O OUTRO	DESCONSIDERAÇÃO PELAS NECESSIDADE
AÇÕES ALINHADAS COM AS METÁFORAS DA MORALIDADE	BÁSICAS DO OUTRO
HOSPITALEIRO	DISCRIMINAÇÃO
HUMANIDADE NAS AÇÕES POLÍTICAS E SOCIAIS	PRECONCEITO
ALEGRIA	AÇÕES IMORAIS
ESPONTANEIDADE	DESUMANIDADE
EXTROVERSÃO	
.....	

Fonte: elaboração própria.

A (re)categorização presente nos Quadros 2 e 3 comporta tanto elementos do plano discursivo (imagens, cores, movimento, posição das imagens, ponto de vista do chargista, enunciados verbais) quanto do plano cognitivo-pragmático (crenças compartilhadas, vivências imediatas, perspectivação, intenções comunicativas) no domínio fonte (Forceville, 2016; 2017) e nas pistas metonímicas. Ao mesmo tempo, essa (re)categorização é subjetiva, e o contexto social e discursivo ancora as cenas (Croft; Cruise, 2004) ao dirigir o foco de atenção e manter alguns de seus elementos em saliência cognitiva, como é o caso do abismo (charge1), da estátua do garimpeiro (Figura 2) e das pistas verbais (Figura 3). Em todos os casos, a (re)categorização emerge como um fenômeno decorrente de nossa percepção seletiva, motivada pelo princípio cognitivo da proximidade (Kövecses; Radden, 1998). O ser humano geralmente dá preferência ao que é mais imediato no contexto vivido. No caso em tela, a crise venezuelana e o cenário político-social do Brasil.

Cabe ainda salientar que a seleção perceptual decorre também de princípios comunicacionais, como a intersubjetividade. Aspectos que permanecem salientes no contexto situacional da comunicação são os que guiam a nossa atenção. Em outras palavras, na visão da Linguística Cognitiva, princípios cognitivos se conjugam com princípios comunicacionais para guiar o processo de categorização, respondendo

à dinamicidade do “aqui” e “agora” (Sinha, 1999). Ou seja, de modo ativo, age-se intersubjetivamente em um contexto compartilhado. São tais princípios cognitivos e comunicacionais que explicam por que BRASILEIRO passa a ser caracterizado por atributos como a intransigência e a discriminação; porque IMIGRAÇÃO ganha atributos de invasão ou ameaça; porque tanto o BRASILEIRO quanto a IMIGRAÇÃO VENEZUELANA são categorizados pelos chargistas como agentes que ferem o SISTEMA METAFÓRICO DA MORALIDADE (Lakoff, 2016; Lakoff; Johnson, 1999). Ou seja, não há como entender a conceptualização se não nos atermos ao discurso, à situação comunicativa e à intersubjetividade.

No que diz respeito aos cartunistas Zé Dassilva e Sérgio Paulo, eles empreendem o que Lakoff e Johnson (1999) denominam de AÇÃO MORAL, pois não só criticam atitudes e comportamentos como as representam em charges veiculadas no X, no Facebook, no Instagram e em jornais de grande circulação, para tornar público o seu posicionamento (e o dos jornais). No *corpus*, por meio da multimodalidade, atributos tipicamente tidos como constituintes das categorias em tela são deslocados por influência do mundo vivido e demonstram o alinhamento dos chargistas com discursos humanistas. Ao representar tal deslocamento, os chargistas criticam práticas sociais como a discriminação de imigrantes. Defendem, indiretamente, o movimento geográfico de povos. Barbosa e Fonseca (2020) indicam claramente a discriminação que passou a habitar a significação dessas categorias, na perspectivação de muitos brasileiros, frente à crise venezuelana. Trazendo as palavras de Barbosa e Fonseca (2020, p. 420) para o contexto desta pesquisa, as metáforas e metonímias multimodais sinalizam “um antagonismo direto com relação à questão migratória e propõem uma reflexão sobre uma importante questão humanitária, que toca questões caras à sociedade”.

Cabe sublinhar que a análise aqui desenvolvida carrega um viés pragmático alinhado ao objetivo do trabalho e ao posicionamento da autora. Naturalmente, resta ainda entrevistar os próprios autores para que tanto o propósito comunicativo quanto às interpretações aqui veiculadas sejam por eles validadas. Tal passo metodológico fica reservado para estudos futuros.

Referências

ADAIR, Laura. *Cores e seus significados*. Disponível em: <https://www.significados.com.br/cores-2/>. Acesso em: 02 fev. 2026.

BAKHTIN, Michael. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBOSA, Dayane de Jesus. A hospitalidade brasileira como identidade nacional e seu desencontro com os obstáculos enfrentados por imigrantes no país. *Diálogos Internacionais*, v. 9, n. 94, 2022. Disponível em: <https://dialogosinternacionais.com.br/?p=2757>. Acesso em: 26 jan. 2026.

BARBOSA, Emily Conceição; FONSECA, Mariana de Souza. A receptividade dos brasileiros à migração venezuelana: o tipo ideal de imigrante. In: ALAP – IX CONGRESSO DA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE POBLACION, IX, 9 a 11 dez. 2020, Rio de Janeiro. **Anais [...]** Rio de Janeiro: Ministério da Justiça. 2020. Disponível em: <https://sis.automacaodeeventos.com.br/2020/alap/sis/inscricao/resumos/0001/PPTeposter-trab-aceito-0249-1.PDF>. Acesso em: 26 jan. 2026.

BARCELONA, Sánchez Antonio. Metonymy in discourse-pragmatic inferencing. In: SILVA, Augusto Soares da; TORRES, Amadeu; GONÇALVES, Miguel (org.). *Linguagem, cultura e cognição: estudos de linguística cognitiva*. Coimbra: Almedina, 2004. p. 159-174, v.1.

BARSALOU, Lawrence. Grounded cognition. *Annual Review of Psychology*, n. 59, p. 617-645, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.59.103006.093639>. Acesso em: 08 jan. 2024.

BRANDT, Mark J.; CRAWFORD, Jarret T. Worldview conflict and prejudice. *Advances in Experimental Social Psychology*, n. 61, p. 1-66. 2020.

BATISTA, Monica A.; HISSA, Carolina S. *Aporofobia, desigualdade e o refúgio no Brasil*. 2022. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/aporofobia-desigualdade-e-o-refugio-no-brasil/1724547341>. Acesso em: 26 jan. 2026.

CARVALHO, Francisco R. P. A construção do humor em memes verbo-imagéticos via processos de recategorização. In: SANTANA, Wilder. K. F. de; SILVEIRA, Ederson. L. (org.), *Educação e linguagens em interação: saberes, práticas e sentidos*. Vol. 1. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 226-240. Disponível em: <https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/educacao-e-linguagens-em-interacao-saberes-praticas-e-sentidos-vol-1/>. Acesso em: 26 jan. 2026.

CAVALCANTE, Sandra.; GOMES JÚNIOR, Ronaldo C. Metáforas visuais e multimodais na conceptualização da COVID-19. *Calidoscópio*, v. 19, n. 1, p. 104-119, 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/353785600_Metaforas_visuais_e_multimodais_na_conceptualizacao_da_COVID-19. Acesso em: 26 jan. 2026.

CHARTERIS-BLACK, Jonathan. *Corpus approaches to critical metaphor analysis*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1057/9780230000612>. Acesso em: 26 jan. 2026.

CHARTERIS-BLACK, Jonathan. Forensic deliberations on “purposeful metaphor”. *Metaphor and the Social World*, v. 2, n. 1, p. 1-21. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1075/msw.2.1.01cha>. Acesso em: 26 jan. 2026.

CHARTERIS-BLACK, Jonathan. *Politicians and rhetoric: the persuasive power of metaphor*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2011.

CHARTERIS-BLACK, Jonathan. Britain as a container: immigration metaphors in the 2005 election campaign. *Discourse & Society*, v. 17, n. 5, p. 563-581, 2006.

CHILTON, Paul A. Manipulation, memes and metaphors: the case of Mein Kampf. In: DE SAUSSURE, Louis; SCHULZ, Peter (org.). *Manipulation and ideologies in the twentieth century: discourse, language, mind*. John Benjamins Publishing Company, 2005. p. 15-43.

CHILTON, Paul A.; LAKOFF, George. Foreign policy by metaphor. In: SCHÄFFNER, Cristina; WENDEN, Anita (org.), *Language and peace*. United States: Harwood Academic Publishers, 1995. p. 37-59.

COELHO, Taysa. *Significado das cores: descubra o que cada uma simboliza*. Disponível em: <https://www.dicionariopopular.com/significado-das-cores/>. Acesso em: 02 fev. 2026.

CROFT, William; CRUISE, Allan D. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511803864>. Acesso em: 26 jan. 2026.

DUQUE, Paulo H. A covid-19 em charges: uma análise baseada em frames. *Estudos Linguísticos e Literários*, n. 69, p. 106-127, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/44290>. Acesso em: 17 ago. 2023.

ELHAJJI, Mohammed. *O intercultural migrante: teorias e análises*. 2023. Porto Alegre: Editora Fi. Disponível em: <https://doi.org/10.22350/9786559176830>. Acesso em: 03 ago. 2023.

ENTMAN, Robert. Framing Bias: Media in the Distribution of Power. *Journal of Communication*, v. 57, n.1, p. 163-173, 2007. Disponível em: [10.1111/j.1460-2466.2006.00336.x](https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.2006.00336.x). Acesso em: 07 fev. 2026.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora da UnB, 2001.

FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing Discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.

FENG, William Dezheng. Metonymy and visual representation: towards a social semiotic framework of visual metonymy. *Visual communication*, v. 16, n. 4, p. 441-466. 2017.

FERNANDES, Alan T. O discurso das charges em tempos de diáspora. *Leitura*, n. 69, p. 413-427, 2021.

FORCEVILLE, Charles. Visual and multimodal metaphor in advertising: cultural perspectives. *Styles of Communication*, v. 9, n. 2, p. 26-41, 2017.

FORCEVILLE, Charles. Visual and multimodal metaphor in film: charting the field. In: FAHLENBRACH, Kathrin (org.), *Embodied metaphors in film, television and video games: cognitive approaches*. London, Routledge, 2016. p. 17-32

FORCEVILLE, Charles. Metonymy in visual and audiovisual discourse. In: VENTOLA, E.; MOYA, A. (org.) *The world told and the world shown: multisemiotic issues*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2009. p. 56-74.

FUSARO, Luana. G.; FELDENS, Juliana G. Reterritorialização dos afetos em tempos de pandemia. *Linha Mestra*, n. 44, p. 270-277, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.34112/1980-9026a2021n44p270-277>. Acesso em: 04 agosto 2023.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo R. A relevância da noção de perspectivação conceptual (construal) no âmbito dos estudos do texto e do discurso: teoria e análise. *Letras Santa Maria*, v. 27, n.54, p.59-100. 2017.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo R. A permeabilidade da dinâmica de forças: da gramática ao discurso. In: LIMA-HERNANDES, Maria Célia; RESENDE, Briseida Dôgo; DE PAULA, Fraulein Vidigal; MÓDOLO, Marcelo; CAETANO, Sheila C. (org.). *Linguagem e cognição: um diálogo interdisciplinar*. Lecce: Pensa Multimedia Editores, 2015. p. 163-185.

HART, Christopher. Viewpoint in linguistic discourse: Space and evaluation in news reports of political protests. *Critical Discourse Studies*, v. 12, n. 3, p. 238-260. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17405904.2015.1013479>. Acesso em: 26 jan. 2026.

HART, Christopher. Construal operations in online press reports of political protests. In: HART, Christopher; CAP, Piotr. (org.). *Contemporary critical discourse studies*. London: Bloomsbury. 2014. p. 167-188.

HART, Christopher. *Critical discourse analysis and cognitive science: new perspectives on immigration discourse*. Palgrave Macmillan, 2010.

HART, Christopher. Critical discourse analysis and conceptualization: mental spaces, blended spaces, and discourse spaces in The British National Party. In: HART, Christopher.; LUKES, Dominik (org.). *Cognitive linguistics in critical discourse analysis: application and theory*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2007. p. 107-131.

JOHNSON, Mark. *The meaning of the body: aesthetics of human understanding*. Chicago: The University of Chicago Press, 2007.

KÖVECSES, Zoltan.; RADDEN, Günter. *Metonymy: developing a cognitive linguistic view*. *Cognitive Linguistics*, v.9, n.1, p. 37-77, 1998.

KRESS, Gunther; VAN LEUWEEN, Theo. *Reading images: the grammar of visual design*. 2a. ed., Londres: Routledge, 2006.

LAKOFF, George. *Moral politics: how liberals and conservatives think*. Chicago: The University of Chicago Press, 2016.

LAKOFF, George. *The political mind: why you can't understand 21st-century politics with an 18th-century brain*. Penguin Books, 2008. Disponível em: <https://efaidnbmnnnibpajpcgglefindmkaj/https://people.kzoo.edu/ggregg/lakoff.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2026.

LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Philosophy in the Flesh: the embodied mind and its challenge to Western thought*. New York: Basic Books, 624p. 1999.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, Ronald W. *Cognitive Grammar: A Basic Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780195331967.001.0001>. Acesso em: 08 jan. 2024.

LIMA, Jorgelene de Souza. O processo de recategorização no gênero charge: um estudo à luz da perspectiva sociocognitiva. *Entretexto*, v. 14, n. 2, p. 116-139. 2014.

MARCHON, Amanda H.; ANTUNES, Claudia M. S. Patemização em charges sobre a vacina contra a COVID-19 no Brasil. *Gláuks: Revista de Letras e Artes*, v. 21, n. 1, p. 349-369. 2021.

FRANCO, Livia Sales de Mello. *Discurso político no Twitter: como Marine Le Pen pensa a imigração*. 2020. 51 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <http://www.bdttd.uerj.br/handle/1/21026>. Acesso em: 26 jan. 2026.

MERVIS, Carolyn.B.; MERVIS Cinthia. A. Leopards are kitty-cats: object labeling by mothers for their thirteen-month-olds. *Child Development*, v. 53, n. 1, p. 267-273, 1982. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/1129661>. Acesso em: 01 fev. 2023.

MUSOLFF, Andreas. Dehumanizing metaphors in UK immigrant debates in press and online media. *Journal of Language Aggression and Conflict*, v. 3, p. 41-56, 2015.

ONU-DESA. *Recommendation on statistics of migration affairs*. Statistical Papers, Series M, n. 58, Rev. 1. Department of Economics and Social Affairs Division. United Nations, 1998. Disponível em: https://digitallibrary.un.org/record/261356/files/ST_ESA_STAT_SER.M_58_Rev.1-EN. Acesso em: 26 jan. 2026.

PALUMBO, Renata. Análise crítica do discurso presidencial: abordagem sociocognitiva. *Estudos linguísticos*, v. 43, n. 3, p. 1308-1322, 2014.

PANTHER, Klaus-Uwe; RADDEN, Gunter (org.) *Metonymy in language and thought* (human cognitive processing). Amsterdam; Philadelphia: Benjamins, 1999. p. 333-360.

PAULO, Sérgio. Charge do cartunista Sérgio Paulo. *Jornal Roraima em Tempo*. 24 ago. 2017. Disponível em: <https://acesse.one/gdhoawz>. Acesso em: 26 jan. 2026.

RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2009.

RAMOS, Paulo; CARMELINO, Ana Cristina. Cor e sentido: comentários sobre leitura de charge em redes sociais. *Diálogos Pertinentes: Revista Científica de Letras*, v. 16, n. 2, p. 32-58, 2020.

RIANI-COSTA, Floriano. *Linguagem & cartum... tá rindo do quê? Um mergulho nos salões de humor de Piracicaba*. 2001. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2001.

ROMUALDO, Edson C. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia*. Maringá, PR: Editora da UEM, 2000.

SANTOS, Ione Aire. *Um estudo sobre a metonímia como um processo cognitivo*. 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

SILVEIRA, Luciana. M. *Introdução à teoria da cor*. 2 ed. Curitiba: Editora da UTFPR, 2015.

SINHA, Chris. Grounding, Mapping and Acts of Meaning. In: JANSSEN, Theo; REDEKER, Gisela (org.), *Cognitive linguistics: foundations, scope and methodology*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1999. p. 223-255.

SILVA, Augusto Soares da. Discurso na mente e na comunidade. Para a sinergia entre Linguística Cognitiva e Análise (Crítica) do Discurso. *Revista Portuguesa de Humanidades – Estudos Linguísticos*, v. 19, n. 1, p. 53-78. 2015.

SOUZA, Luciana C.; DRIGO, Maria Ogésia. A charge política jornalística como processo sógnico. *Verso e Reverso*, São Leopoldo, v. 20, n. 43, 2006.

SOUZA, Ewerton W. L.; DUQUE, Paulo. O processo cognitivo-discursivo de construção de sentido em notícias e piadas: uma abordagem baseada em frames. *DLCV, Língua, Linguística e Literatura*, v.14, n.2, p. 377-401, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.22478/ufpb.2237-0900.2018v14n2.40582>. Acesso em: 26 jan. 2026.

SZUNDY, Paula T. C.; FABRÍCIO, Branca F. Linguística Aplicada e indisciplinaridade no Brasil: promovendo diálogos, dissipando brumas e projetando desafios epistemológicos. In: SZUNDY, Paula T. C.; TILIO, Rogério; MELO, Glenda Cristina V. (org.). *Inovações e desafios epistemológicos em linguística aplicada: perspectivas sul-americanas*. Campinas: Pontes Editores; ALAB, 2019. p. 63-90.

TAYLOR, John R. Category extension by metonymy and metaphor. In: DIRVEN, René; PORINGS, Ralf (org.). *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2003. p. 323-347.

THEVES, Cissa; UEBEL, Roberto R. Imigração, nacionalidade e xenofobia: o caso dos venezuelanos no Brasil – uma análise crítica. In: GOMES, Tatiana Bruhn Parmeggiani; ABREU, Márcia Elisa da Costa; SANTOS, Rosângela Maria Herzer dos; PETRY, Alexandre Torres, (org.), *Nacionalidade em perspectiva: estudos comparados à luz da experiência brasileira, europeia e possíveis reflexos nas políticas migratórias*. Porto Alegre: OABRS, 2021. p. 66-86.

TALMY, Leonard. *Toward a Cognitive Semantics*. Volumes I e II. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 2000.

ZÉ DASSILVA. Charge do cartunista Zé Dassilva. *Diário Catarinense*, 02 set. 2018. Disponível em: <https://x.com/portalsnctotal/status/1036422375817048066>. Acesso em: 02 fev. 2026.

ZÉ DASSILVA. Charge do cartunista Zé Dassilva. 23 fev. 2019. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/busca?q=z%C3%A9dassilva#gsc.tab=0&gsc.q=z%C3%A9dassilva&gsc.page=1>. Acesso em: 20 mar. 2020.

WEINGAND, Edda. The challenge of complexity: body, mind, and language in interaction. In: FOOLEN, Ad; LÜDTKE, Ulrike M; RACINE, Timothy; ZLATEV, Jordan. (org.), *Moving ourselves, moving others: motion and emotion in intersubjectivity, consciousness and language*. Amsterdam: John Benjamins, 2012. p. 383-406. Disponível em: <https://library.oapen.org/viewer/web/viewer.html?file=/bitstream/handle/20.500.12657/30720/643259.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 28 jan. 2026.

The Conceptualization of “Immigration” and “Brazilian” in Cartoons that Represent the Venezuelan Crisis: The Force of Context over Sociocognition

Abstract

the purpose of this article is to illuminate aspects of human cognition that result in the (re)categorization of IMMIGRATION and BRAZILIAN. To this end, a socio-cognitive-discursive and critical approach was employed (Chilton, 2005; Charteris-Black, 2006, 2012; Silva, 2015; Souza; Duque 2018; Palumbo, 2014), aiming at the analysis of these categories in 22 cartoons that circulated on X, Facebook, and online newspapers such as Folha de São Paulo, depicting the flow of Venezuelans to Brazil from 2018 to 2022. Considering this approach, linguistic and multimodal discursive cues (color, caricature expressions, spatial arrangement of images in the case of cartoons) index cognitive processes embedded in the social context and corporeal experience. From the corpus, three charges were selected to illustrate emerging patterns that illuminate how and why the (re)categorization occurs, without any generalization purpose. Metaphors and metonymies evoked by multimodal triggers, perspectivation, and referenced reality allowed us to show how the evoked metaphors and metonymies go against the metaphorical system of morality (Lakoff; Johnson, 1999), in which actions aimed at human well-being should prevail. However, in both BRAZILIAN and VENEZUELAN IMMIGRATION, these actions have been displaced from the source domain. Brazilians have become characterized by intransigence and immigration by attributes of invasion. This interpretation emerges from multimodal (Forceville, 2016; 2017) and morality (Lakoff, 2016) metaphors, and an analysis grounded in the socio-political context.

Keywords: Construal. Morality. Metaphors. Charges. Immigration.